

## **A formulação da realidade do Sujeito em Lacan**

**Thiago Rodrigo Brunassi, Marli Machado Lima**

### **Resumo**

A realidade, conceito caro para a filosofia, é também tema de formulações para a psicanálise. Da mais elementar noção de conhecimento situam-se dois elementos que se prestam a torná-lo possível: o sujeito e o objeto. Existe portanto uma relação forte entre ambos, ou seja, o homem só é sujeito quando está conhecendo o objeto e a realidade só se torna objeto quando é conhecida pelo sujeito. Ao tratar deste assunto, Lacan coloca que “toda a realidade humana, não é nada mais que a montagem do simbólico e do imaginário”<sup>1</sup>, conceito Lacaniano do fantasma, chave para que o sujeito se situe em uma realidade. Este artigo tem como objetivo investigar a construção da realidade do sujeito para Lacan, buscando nas leituras do autor identificá-lo, tendo ainda como propósito alcançar a clínica e suas implicações práticas, assim como mostrar que a construção de uma realidade para este sujeito foi dada por uma clínica viva, que interroga, elabora e reconstrói.

**Palavras-chave:** estágio do espelho, objeto a, realidade.

### **Abstract**

Reality, an expensive concept for a philosophy, is also the subject of formulations for psychoanalysis. From the elementary notion of knowledge lie two elements that lend themselves to making it possible: the subject and the object. There is a strong relationship between the two, that is, man is only subject when the object is being known and reality becomes object only when it is known by the subject. In addressing this relationship, Lacan writes that "all human reality, is nothing more than a montage of the symbolic and imaginary", Lacanian concept of the phantom, key to the subject can be situated in a reality. This article aims to investigate the construction of the subject's reality for Lacan, seeking in the author's readings to identify him, having as

---

<sup>1</sup>Referência contida na Bibliografia: “A lógica do fantasma”; (Lacan, 1967, p.19);

a purpose to reach the clinic and its practical implications, as well as to show that the construction of a reality for this subject was given by a living clinic, which interrogates, elaborates and reconstructs.

**Keywords:** Mirror stage, object a, reality.

### **O Sujeito do inconsciente**

Freud desde a primeira tópica indica uma divisão, um descentramento do sujeito pelo: consciente, pré-consciente e o inconsciente. Diferentemente de Descartes que sustenta o sujeito na certeza de ser por um pensar, notamos em Freud uma forma oposta de conceber o sujeito já que ao introduzir o inconsciente está também trazendo um pensamento, mas desde um lugar que não possibilita a certeza de ser, já que este pensamento subjaz aquém da consciência.

Fazemos portanto o uso do primeiro ponto de apoio no que concerne à conceituação do sujeito moderno, quando nos referimos a Descartes e a sua máxima “Penso, logo existo”, onde o ato de pensar possibilita a existência do ser. Tratando-se de Lacan, a conceituação do sujeito se faz necessária quando temos o objetivo de localizar o ser na realidade onde este se situa.

É do que se ocupa a epistemologia, que busca analisar os aspectos filosóficos quanto à origem e a natureza do conhecimento. Sendo o conhecimento constituído de dois elementos básicos: o sujeito e o objeto.

O sujeito é o ser em estado de conhecimento, de construção de conhecimento, e o objeto é a realidade na qual o sujeito está inserido. Existindo assim portanto uma relação forte entre o sujeito e o objeto, ou seja, o homem só é sujeito quando está conhecendo o objeto e a realidade só se torna objeto quando é conhecida pelo sujeito.

Seguindo os passos de Freud, Lacan conceitua o sujeito e o divide ao referi-lo a um sistema simbólico: "Que o sujeito como tal está na incerteza em razão de ser dividido pelo efeito da linguagem, é o que lhes ensino, eu enquanto Lacan, seguindo os traços da escavação freudiana" (Lacan, 1964, p.178). Diante disso, a notação usada por Lacan é de um Sujeito barrado (\$), expressando que ao se fundar em um sistema simbólico, ainda assim tal sistema não o representará em sua totalidade, por existir

nessa representação algo que escapa, que falta-a-ser. Disso que escapa estaríamos tocando na noção de objeto a formulada por Lacan.

Falar do sujeito torna-se assim um caminho quando se busca uma orientação no que concerne à formulação da realidade. É por meio deste conceito que se deduzirá o emprego do objeto (a) trazido à luz por Lacan e que por se relacionar intimamente ao desejo poderá ser compreendido como a mola que sustenta toda a operação que visa a tradução do ser.

Ao buscar no simbólico um meio pelo qual o sujeito possa se dizer, ainda assim resta o que este registro possa representar. É por uma dedução lógica, assim como ocorre no diagrama de Euler que será visto adiante, que o resto torna-se assim identificável somente a partir da tentativa de inscrição do ser nesse simbólico, pois este não a faz em sua totalidade.

Assim, o sujeito barrado, diz desta tentativa. A busca por significar-se não trata-se de uma operação perfeita, pois entre um significante e outro e toda cadeia dos significantes subsequentes, denota-se que pelas vias dessa tradução ainda restará o irreduzível que caberá ao fantasma o arranjo significante para suportá-lo.

No Seminário A Lógica do Fantasma, Lacan coloca que o fantasma é um arranjo significante.

O fantasma é apenas um arranjo significante, cuja fórmula dei a muito tempo, aí acoplando o a ao \$. O que quer dizer que há duas características: a presença de um objeto a e, por outra parte, nada senão o que engendra o sujeito como \$, a saber, uma frase (Lacan, 1967, p.447).

Vale lembrar que o objeto (a), é parte do matema Lacaniano que traduz o fantasma, ou seja \$ frente ao objeto a ( $\$ \diamond a$ ). Para agora, entenderíamos o objeto (a) como um elemento identificado na interação da criança com os cuidados delegados à função materna, aquela permeada por uma necessidade, a satisfação alucinatória e não equivalência do empenho factual trazido pela mãe e a necessidade que a motivou.

Ao entender a relação do sujeito com os cuidados maternos, estamos em uma dialética que poderá ser articulada pelo esquema do Estádio do Espelho. Por esta relação, o que está em jogo é a constituição da realidade, um encontro da realidade

psíquica com a realidade factual. Em outras palavras, trata-se do real do sujeito, seus impulsos, sua libido, que estão a partir de uma linguagem, um Outro que foi eleito e que significará em trazer a imagem de um objeto  $i(a)$ <sup>2</sup>, representante do Eu do sujeito, alí no contexto do complexo do Édipo, e que promoverão a possibilidade de entrar em contato com os outros objetos além daqueles que suportam o processo identificatório.

## **O objeto a**

Assim, para se conceituar o objeto a, faremos ainda uma análise em como este objeto causa do desejo se relaciona com uma das máximas Lacanianas “O desejo é o desejo do Outro”. Por esta entendemos então que o desejo do homem necessita do outro para se constituir enquanto tal. E o modo como vai se operar a possibilidade deste desejo é por uma relação em espelho.

Nessa relação verifica-se que a falta do sujeito será por intermédio da falta do Outro (com a letra “O” maiúscula), caracterizando assim, o desejo do Outro. O sujeito diante dessa falta do Outro se utilizará do Fantasma entendido também como um recurso frente a esta falta.

Considerando que o desejo do sujeito perdura, já que o Outro não pode ser um sistema que garante a completude da satisfação do desejo, deduz-se algo sobre esta incompletude que objeto (a) passa a ser entendido como “o resto” que resiste a operação de simbolização onde alí o fantasma operou como um recurso para o sujeito frente a esta falta do Outro, e por este objeto gera-se a possibilidade do desejo se relançar.

Existem portanto duas dimensões nesta constituição relativa ao “outro”, uma com a letra “O” maiúscula e a outra com a letra “o” minúscula. A diferença entre ambos está na pertinência dos registros dos quais fazem parte, ou seja, no simbólico e no imaginário respectivamente, onde o “Outro” é a dimensão pela qual o sujeito sofre as consequências da lei paterna e que ordena as relações com o “outro”, entendido também como o semelhante.

---

<sup>2</sup>“ $i(a)$  - ou seja nas sucessivas identificações que irão se chamar eu” (Lacan, 1959, p.239).

A relação entre os dois registros do outro é mediada pelo Ideal do Ego<sup>3</sup>. Esse processo é iniciado com a projeção da libido em direção aos objetos externos, ou ao semelhante, e enquadra-se em um movimento identificatório, aquele pelo qual o objeto poderá ser tomado como formador do Ego do sujeito para que só então a partir daí o reconhecimento dos outros objetos, como partes de uma realidade, possam ser desejados pelo sujeito, movimento este esquematizado pelo Estádio do espelho.

No esquema da Figura 1, essa superestrutura especulativa, Lacan descreve como acontece o acesso ao objeto, ou também como o sujeito apreende a realidade na qual está inserido.

A função do estágio do espelho revela-se para nós, por conseguinte, como um caso particular da função da *imago*, que é estabelecer uma relação do organismo com a sua realidade - ou, como se costuma dizer, do *Innenwelt* com o *Umwelt* (LACAN, 1949, p.100).

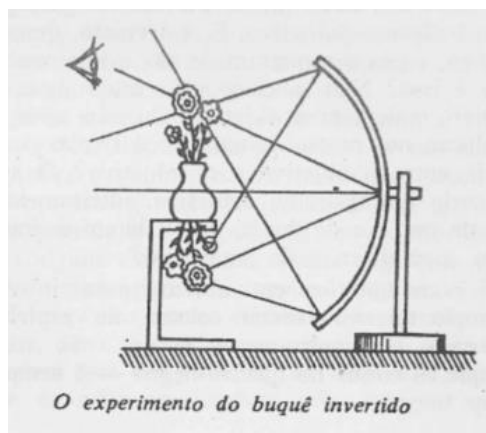


Figura 1 - Esquema do Estádio do Espelho (LACAN, 1954, p.94)

Este esquema representa por um princípio da óptica que para todo ponto dado no espaço real possa ser correspondido por um outro ponto virtual, ou melhor dizendo no contexto de nossa construção, um outro ponto no espaço imaginário.

A caixa quer dizer o próprio corpo do indivíduo, o buquê dentro da caixa são os instintos, os desejos, e os objetos do desejo. O olho representando então o Sujeito. “Aí

<sup>3</sup>Uma apreensão de um objeto a partir de um significante do Outro tomado como uma insígnia e investido da função de operar como o lugar da palavra e ser testemunho da verdade de um objeto que poderá representar o Ego do sujeito.

está como nós podemos representar o sujeito anterior ao nascimento do eu, o surgimento deste” (LACAN, 1954, p.96).

Quer dizer que na relação do imaginário e do real, e na constituição do mundo tal como ela resulta disso, tudo depende da situação do sujeito. E a situação do sujeito - vocês devem sabê-lo desde que lhes repito - é essencialmente caracterizada do seu lugar no mundo simbólico, ou, em outros termos, no mundo da palavra (LACAN, 1954, p.97).

Melhor descrevendo, seria por uma relação inicial do sujeito com os objetos de seu universo onde ainda não há recursos para que ele se diferencie do que está fora dele mesmo. Em um momento lógico e posterior a este da relação inicial, por uma eleição de um objeto que possa representar o sujeito, por vias do Ideal do Eu, tem-se a consequência dessa eleição alienante, a entrada no domínio do simbólico, aquele pelo qual uma lei poderá existir e que é a mesma que rege a relação do sujeito com a mãe pelo falo.

A promoção da realidade do sujeito, uma diferenciação do dentro e do fora, *innenwelt* e o *umwelt* respectivamente, tem como operador o falo, elemento que transita do registro imaginário para o simbólico e que denota todo tipo de relação entre o sujeito e o meio onde está imerso, os objetos deste meio, que é a materialidade pela qual um sujeito poderá constituir o seu Ego por vias do Ideal do Ego, e por fim, como consequência desta constituição, a identificação dos objetos de amor, aqueles além dele mesmo e que poderão ser desejados.

Como visto, em um primeiro momento trata-se de um processo alienante e necessário, pois também é constituinte. Já que sem ele, não será possível o reconhecimento da realidade e o consequente desejo pelos objetos que fazem parte desta. Lacan, buscando representar estas fases de constituição do sujeito, serve-se do círculo de Euler (Figura 2) para mostrar que pela operação lógica da reunião entre o sujeito e o campo do Outro, operação esta, pensada aqui como a alienação, terá como consequência algo que “escapa”, ou seja, a intersecção destes círculos denotado pelo “não senso” e que podemos assumir como o objeto a, ou o desejo causado por este, que se manifesta nas entrelinhas do sentido promovido pelo Outro.

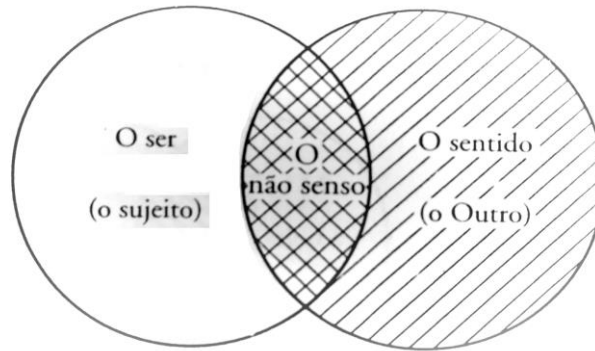


Figura 2 - Círculo de Euler (LACAN, 1964, p.207).

Em termos de realidade, afirmamos que é pelas vias do Outro que podemos ter acesso a ela. A realidade é resultado de uma interpretação realizada pela simbolização feita pelo Outro.

O assunto aqui tratado gira em torno da relação do sujeito com o sentido e a apreensão da realidade a partir disso. O pano de fundo para isso é a dialética do princípio do prazer e do princípio da realidade, entendendo-se o princípio do prazer como um processo primário constituído por uma tendência em satisfazer a necessidade pela alucinação.

A necessidade satisfaz-se através dos traços mnêmicos daquilo que já respondeu ao desejo. A satisfação tende, assim, a se reproduzir, pura e simplesmente, no plano alucinatório (Lacan, 1958, p.223).

Temos portanto uma satisfação possível no plano alucinatório. Devemos assim considerar que a necessidade continua a insistir, já que, de acordo com Lacan (1958) a satisfação da fantasia não tem como atender a todas essas necessidades, diferentemente do que ocorre na ordem do sexual, em se tratando de necessidades pulsionais, seria por esta possível uma satisfação pela fantasia, e que o mesmo não ocorreria para a fome dizendo que para esta a necessidade continuaria a existir.

Lacan serve-se de Melanie Klein e de Winnicott para explicar a satisfação pela alucinação e conclui que nestes autores chegam a um paradoxo para explicar o ponto axial do desenvolvimento do sujeito no que concerne a apreensão da realidade onde se situam. “Trata-se de uma discordância fundamental entre a satisfação alucinatória da necessidade e o que a mãe oferece ao filho. É nessa própria discordância que se abre a

hiância que permite a criança obter o primeiro reconhecimento do objeto” (Lacan, 1958, p.225).

É sobre essa hiância que podemos considerar um terceiro elemento na relação da criança com os objetos que a rodeia, aqueles promovidos pela mãe.

Para explicar este terceiro elemento, Lacan (1958) inicia a sua argumentação introduzindo o significante na dialética da necessidade com o desejo, já que traz que não existe estado originário nem estado de necessidade pura. Pois, desde a origem, a necessidade tem sua motivação no plano do desejo, isto é, de alguma coisa que se destina no homem a ter uma certa relação com o significante.

Temos então o significante como o terceiro elemento que motiva isso que originalmente era chamado de necessidade mas que deve ser entendido por essa relação com o significante como um desejo. E o objeto, como havia sido tratado até o momento, foi concebido agora como um significante. Mas como ocorre essa mudança de estatuto?

Não deixa de estar relacionado com um objeto, mas está numa relação tal com objeto que merece ser chamado de significante. Trata-se, com efeito, de algo que tem uma relação fundamental com a ausência do objeto, e que já apresenta um caráter de elemento discreto, de signo (Lacan, 1958, p.228).

Recapitulando, caminhamos por um percurso tratando do princípio do prazer, concebido pela satisfação por vias de uma alucinação em um primeiro momento e a entrada agora no princípio de realidade, considerando a importância do significante como uma chave para isso.

Lacan (1958, p.230) traz que “A introdução do sujeito numa realidade qualquer não é pensável, de maneira alguma, a partir da pura e simples experiência seja lá do que for” e continua um pouco mais à frente indicando que o fato de existir o significante é absolutamente essencial nisso já que é o principal intermediário para a experiência da realidade.

Considera-se a relação da criança com o objeto a base por onde será possível que se constitua a primeira relação com a realidade. No entanto, verifica a importância de mais um elemento que possa fazer a medição da diferença entre aquilo que satisfaz e o que não satisfaz como um operador para se deduzir essa realidade.



A criança não tem relação simplesmente com um objeto que a satisfaz ou não a satisfaz, mas, graças ao mínimo de espessura de irrealidade dado pela primeira simbolização, já existe um referenciamento triangular da criança, uma relação não com aquilo que traz satisfação para sua necessidade, mas uma relação com o desejo do sujeito materno que ela tem diante de si (Lacan, 1958, p.232).

Desta forma, e como citado por Lacan (1958, p.232) esse “mínimo de espessura da irrealidade” relaciona-se com o conceito do falo ( $\phi$ )<sup>4</sup>, entendido portanto como o conceito limite entre o imaginário e o simbólico, limite este diagramado pelo estádio do espelho. Porém será necessário ainda o que pode ser entendido como uma cristalização do eu, para que juntamente do falo seja possível essa construção da realidade.

O estádio do espelho é portanto um esquema que viabiliza identificar esse limite daquilo que é uma realidade e ao mesmo tempo não é. Como exposto, por este se faz uma análise que mostra como a criança poderá lidar com o seu desejo uma vez refletido pelo Outro e, portanto, sendo agora o desejo do Outro se utilizando para isso do falo, e para isso tendo como recurso essa cristalização de seu eu, por uma imagem, um sinal cativante que está no limite da realidade e que consegue capturar a libido do sujeito.

Existe assim uma triangulação vista no esquema da figura 3 constituído por M, i e m. Neste esquema temos o campo da experiência da realidade.

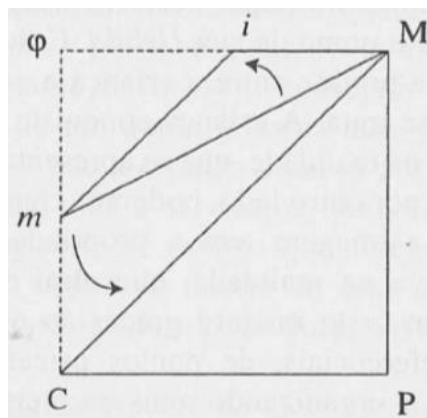


Figura 3 - Campo da experiência da realidade (LACAN, 1958, p.234).

<sup>4</sup>O falo imaginário ( $\phi$ ) está situado logo a frente no esquema da figura 3.

A letra *i* denota a imagem do corpo na linha da realidade (*M-i*) onde *M* representa a mãe. A representação gráfica bem demonstra em pontilhado a virtualidade como o limite da realidade (linha contínua), e neste vértice onde encontramos o falo imaginário ( $\phi$ ). *i* é o elemento pelo qual, seguindo a triangulação da realidade, chegaremos na *Urbild*<sup>5</sup> do eu, denotado por *m*.

Ainda neste mesmo esquema temos mais uma triangulação, aquela feita por *m*, *M* e *C*, onde *C* representa a criança. Seguindo a análise, da *Urbild* do eu, será portanto o que poderá abrir um novo campo, essa nova triangulação, para que seja possível segundo Lacan (1958) que a criança se conquiste, se identifique, progrida.

Através de todas as suas identificações sucessivas no segmento *m-C*, a própria criança assume o papel de uma série de significantes, leia-se e aqui, de hieróglifos, tipos, formas e representações que pontuam a sua realidade com um certo número de referências, para fazer dela uma realidade recheada de significantes. O que constitui o limite da série é, em *C*, a formação a que se chama Ideal do eu (Lacan, 1958, p.235).

Esse novo campo aberto por *m* e que chega em *C*, no Ideal do Eu, é campo do Simbólico formado pela triangulação *M*, *C* e *P*, onde *P* representa o Pai<sup>6</sup> simbólico. Conclui-se aqui então depois de uma trajetória passando por referências do imaginário, um novo domínio, o do simbólico, um resultado que denota a saída do complexo de Édipo.

### **Um relato clínico**

Seja pelo mito edipiano<sup>7</sup>, aquele utilizado pelo pai de Hans no caso da fobia descrita por Freud, objeto de análise realizada por Lacan como posto no Seminário A

---

<sup>5</sup> Lacan (1958, p.234) define a *Urbild* do eu como “essa primeira conquista ou domínio do eu que a criança realiza em sua experiência, a partir do momento em que desdobra o pólo real em relação ao qual tem de se situar.

<sup>6</sup>[...] é o pai, na medida em que ele intervém para proibir. E por isso que ele faz passar a categoria propriamente simbólica o objeto do desejo da mãe, de tal sorte que este deixa de ser somente um objeto imaginário (LACAN, 1958, p.235).

<sup>7</sup> “Vou lhe contar essa grande história que eu inventei, que já sabia antes que você nascesse. É que um dia viria um pequeno Hans que iria amar demais sua mãe e que por causa disso detestaria seu pai” (Lacan, 1957, p.352).

Relação de Objeto, e também utilizado por Melanie Klein no relato de Dick, temos por meio desse mito a entrada em uma trama por onde o sujeito poderá se constituir psiquicamente. Vemos ainda, juntamente deste, assim como apontado por Lacan, o arranjo significativo promovido pelo fantasma, para que o sujeito possa se situar diante do desejo do Outro, ou seja, para garantir que o sujeito em questão possa aceder a realidade onde está inserido. No que segue, será descrito o modo como Melanie Klein conduz o caso de Dick a partir de uma intervenção que o fará entrar na trama edípica.

Neste relato clínico, Lacan (1954) descreve a experiência de uma análise realizada por Melanie Klein. Trata-se da análise do pequeno Dick, um menino de aproximadamente quatro anos porém de um desenvolvimento de 15 a 18 meses. Uma criança que pelo olhar da psicanalista não tinha o desejo de se fazer compreender. Um vocabulário muito limitado e incorreto, que deformava as palavras e na maior parte do tempo, as empregava mal.

Os objetos imaginários que se dispunha Dick, embora limitados, como a própria psicanalista havia reconhecido, ainda assim foram por estes que ela pôde promover a transição para uma “categoria propriamente simbólica” (LACAN, 1958, p.235). Ou seja, possibilidade para que Dick entrasse no domínio representado pelo triângulo M, C e P (Figura 3).

Melanie Klein sublinha a pobreza do mundo imaginário, e, no mesmo lance, a impossibilidade para essa criança de entrar numa relação efetiva com os objetos enquanto estruturas. Correlação que é importante apreender (LACAN, 1954, p.101).

Por este relato tem-se um exemplo de como se opera em uma análise a partir dos elementos imaginários desde a consideração do domínio simbólico. São elementos que deverão ser identificados pela psicanalista e as intervenções a serem feitas estão portanto dentro de um contexto, mais especificamente, dentro da trama edípica, ou seja, intervenções que podem operar os elementos trazidos pela criança e que a partir de então poderão abrir a possibilidade de se desejar, de conciliar elementos psíquicos com uma realidade factual.

Via-se em Dick uma expressão de apatia que demonstrava a incapacidade frente ao Outro de desejar. Embora a criança não brincasse, no momento em que ela tomou um

trem, Melanie Klein pôde então proceder com uma intervenção: “Eu vou sem mais e digo a ele: *Dick pequeno trem, grande trem Papai-trem*” (LACAN, 1954, p.102).

No relato que se seguiu, a psicanalista disse que a criança se colocou a brincar com o trenzinho e que disse a palavra estação. “Momento crucial, em que se esboça a junção da linguagem e do imaginário do sujeito. Melanie Klein lhe reenvia isso - *A estação é mamãe. Dick entrar na mamãe. A partir daí, tudo se desencadeia*” (LACAN, 1954, p.102).

Uma vez que foi aplicada a relação entre os elementos imaginários deste indivíduo, foi trazido então uma dimensão simbólica, uma sistematização que possibilitaria portanto a leitura da realidade. “A criança simboliza a realidade em volta dela a partir desse núcleo, dessa pequena célula palpitante de simbolismo que lhe deu Melanie Klein” (LACAN, 1954, p.103).

Os recursos que dispunha Dick, embora limitados, ainda assim foram reconhecidos por Melanie Klein como passíveis de uma sistematização e portanto o motivador para a intervenção na qual ela faz a pontuação “Dick pequeno trem”. Por esta, Melanie Klein teria igualado o trem ao próprio Dick de modo que o trem passa a cumprir com a função de *i*, “a forma virtual da imagem do corpo” (LACAN, 1958, 236). A intervenção se realiza como que por uma reflexão que partisse de um espelho, o mesmo do esquema do estádio do espelho. Assim, o caminho para se chegar a *m*, a *Urbild* do eu, estava traçado.

É pela triangulação *M*, *i* e *m*, promovida por Melanie Klein que torna-se possível a entrada de uma trama, a trama edípica. A saída desta têm apenas uma chave que é o Pai simbólico, a letra *P* vista no vértice da outra triangulação da figura 3, ou seja, no triângulo *M*, *C* e *P*. Mas como será a transição de uma triangulação para a outra?

Uma vez traçado o caminho para se chegar a *m*, a *Urbild* do eu, será então, como trazido por Lacan (1958), pelas sucessões que assumirão o papel de uma série de significantes, hieróglifos, tipos, formas e representações que demarcarão referências para a realidade da criança culminando no vértice *C*, no Ideal do Eu, um dos elementos da nova triangulação e que contém *P*, o Pai simbólico.

A intervenção analítica se articula pela correlação dos elementos que compõem o universo imaginário do sujeito. Além da trama edípica, a relação entre os elementos

desta é o que configura a modalidade de um arranjo significante e portanto de um fantasma. Lacan (1954, p.103) ao se referir à intervenção realizada por Melanie Klein descreve que “ela chapou a simbolização do mito edipiano, para chamá-lo pelo seu nome”.

Assim, a intervenção “Dick pequeno trem” é o que possibilita uma realidade a ser conquistada. Parte dessa experiência, como exposto, se opera com uma série de significantes que torna o sujeito em sua realidade em um sujeito humano.

[...] A realidade é conquistada pelo sujeito humano na medida em que chega a um de seus limites sob a forma virtual da imagem do corpo. De maneira correspondente, é pelo fato de o sujeito introduzir em seu campo de experiência os elementos irrealis do significante que ele consegue ampliar o campo dessa experiência até a medida em que ele é ampliado para o sujeito humano (LACAN, 1958, p.236).

Por este caso temos portanto como se opera em uma análise até que se tenha a possibilidade do indivíduo em se tornar um sujeito humano. Todo o percurso subjetivo descrito mostra-nos em suma um cenário composto de objetos imaginários, o cuidado da psicanalista em elevá-los a um domínio simbólico e os passos elaborados pelo sujeito até que ele possa então formular a própria realidade.

## **Conclusão**

Assim, a partir do acima exposto, e desde a concepção de sujeito formulada por Lacan, seguindo os passos de Freud onde este, já na primeira tópica, trazia um descentramento do sujeito pelo consciente, pré-consciente e o inconsciente, e portanto uma concepção oposta à de Descartes, na sua certeza de ser por um pensar, tivemos um caminho para tratarmos da realidade e a localização do sujeito nesta.

Este sujeito é o que necessita de um sistema simbólico para traduzir-se, e que pela máxima Lacaniana “o desejo é o desejo do Outro”, assim como esquematizado no estádio do espelho, engendra-se nesta tradução uma falta. Pois temos do Outro o que podemos entender como um sistema incompleto, que não há nesse sistema o que possa

ser feito para uma tradução perfeita, e assim por restar, a possibilidade então de se desejar.

Assim, define-se o sujeito barrado. O mesmo que faz relação ao objeto a no conceito de fantasma, que também pode ser entendido como o que poderá suportar o intraduzível pelo sistema simbólico. O matema Lacaniano ( $\$a$ ) demonstra essa relação, e o conceito de fantasma por ele assim definido, foi o que tornou possível juntamente do complexo de Édipo a intervenção de Melanie Klein no caso descrito.

Nesse contexto, o trabalho trouxe o esquema do estádio do espelho para mostrar o acesso ao objeto, e então introduziu o que viria a ser a diferenciação do dentro e do fora, ou do organismo com a sua realidade (*Innenwelt* com o *Umwelt*). Para isso, conceituou também a diferenciação das instâncias que contém o Outro e o outro (com a letra “o” maiúscula e minúscula respectivamente) nessa dialética, verificando-se ainda o que os relaciona, ou seja, o Ideal do Eu.

Ao falar-se do Ideal do Eu como o meio pelo qual o sujeito possa eleger um objeto que o represente, foi demarcado a entrada no domínio simbólico. Deve-se considerar ainda o falo nesta transição já que ele opera nesta passagem do imaginário ao simbólico e que cumpre com a função de todo tipo de relação do sujeito com a mãe. A mãe portanto deve ser assim entendida como a provedora dos objetos externos ao sujeito a partir dos quais este poderá constituir o seu Ego, e por assim dizer, tornar-se habilitado a desejar outros objetos que compõem uma realidade.

A constituição do Ego a partir do objeto que possa representar o sujeito, em um processo em espelho, é assim um movimento alienante e ao mesmo tempo constituinte, e por ele, verifica-se a partir da intersecção do esquema de Euler que algo escapa, e este é portanto o modo como foi concebido o objeto a.

O que subjaz no esquema promovido pelo círculo de Euler é a dialética do princípio de prazer e o princípio de realidade. O princípio de prazer, este um processo primário, possibilita uma satisfação da necessidade pela alucinação, e por esse modo de satisfação juntamente do trato trazido pela mãe ao filho, uma discordância é gerada.

Essa discordância, ou essa hiância, é o que possibilita se falar de um terceiro elemento, e assim introduzir o significante na dialética da necessidade com o desejo. Foi por ele, entendido como uma chave, que pudemos ter a saída do princípio de prazer e a entrada no princípio de realidade.

Essa transição do princípio de prazer para o princípio de realidade é o esquema das triangulações vistas na figura 3. Nesta, detalha-se o que havia sido introduzido pelo esquema do estádio do espelho, onde por este último, se apresentava então a título introdutório, o que era uma realidade e ao mesmo tempo não o era. Por esta metapsicologia, a libido e os impulsos numa dialética com o Outro (letra “O” maiúscula), resulta em uma imagem do outro (letra “o” minúscula), um Eu, que poderá assim desejar os outros objetos de uma realidade por assim se formular.

Em um cuidado por melhor definir os conceitos que foram sedimentando nessa empreita da formulação da realidade, verificou-se que mais um conceito tornou-se elementar para a articulação do que estava sendo posto. Falou-se portanto do Ideal do Eu, que relacionava então o “Outro” ao “outro”, pertencentes ao registro simbólico e imaginário respectivamente. Os registros dizem portanto daquilo que está em jogo, ou seja, a apreensão da realidade, uma vez que a partir de uma eleição do objeto que represente o sujeito, considera-se assim o Ideal do Eu o meio pelo qual um Ego poderá se formular.

É portanto, a partir das triangulações da figura 3, que alguns elementos para essa transição do princípio de prazer para o princípio de realidade podem ser destacados. São eles: a imagem do corpo (i) na linha que contém o falo visto em um dos vértices, limite da linha da realidade, a mesma que contém a mãe (M) no outro extremo, e somente a partir deste i que se poderá chegar a Urbild do eu (m). Vale notar assim que esta linha representa as relações da mãe (M) provedora dos objetos para a criança, e que esta relação tem um limite virtual (limite da linha da realidade) ocupado pelo falo.

E como exposto, um novo campo torna-se possível. Fazendo ainda referência ao outro e ao Outro, verifica-se assim que a transição está sendo do campo do imaginário para o campo simbólico. Ou seja, da Urbild do eu, pertencente a uma das triangulações, chega-se ao Ideal do Eu, elemento que poderá então abrir a nova triangulação que contém o Pai simbólico (P), e portanto um marco para entendermos a saída do complexo de Édipo.

Na parte final do trabalho, e em consonância com o que vinha sendo tratado, é apresentado um caso clínico. É relatado neste caso um momento muito precoce do desenvolvimento psíquico de uma criança onde, por uma intervenção realizada por Melanie Klein, gera-se ao pequeno Dick a possibilidade de transição do registro

imaginário ao simbólico, o mesmo esquematizado pelas triangulações. Por esta intervenção realizada, a trama edípica é estabelecida a partir dos poucos elementos imaginários que esboçavam a realidade da criança. A partir desse caso exemplificou-se assim quais eram os elementos imaginários e como estes puderam ser ordenados por um sistema simbólico para o que indivíduo pudesse formular então a sua realidade. Pudemos constatar portanto que por meio da clínica, Freud e Lacan problematizaram este sujeito, que não é dado de antemão, mas que vai se constituindo a partir de seus laços e interrogações. E a partir do caso descrito observamos que a clínica contribui neste processo de identificação do sujeito, onde o acesso a realidade foi possível por uma intervenção que pôde trazer a dimensão simbólica que ainda não se encontrava sistematizada.

### **Bibliografia**

LACAN, Jacques. “A lógica do fantasma”. Recife, Publicação não comercial exclusiva para membros do centro de estudos freudianos do Recife, 1967.

\_\_\_\_\_. “O estádio do espelho como formador da função do eu”. In *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1949.

\_\_\_\_\_. *O seminário: livro 1. Os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1954.

\_\_\_\_\_. *O seminário: livro 4. A relação de objeto*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1957.

\_\_\_\_\_. *O seminário: livro 5. As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1958.

\_\_\_\_\_. *O seminário: livro 6. O desejo e sua interpretação*. Porto Alegre, Publicação não comercial de circulação interna da Associação Psicanalítica de Porto Alegre – APPOA, 1959.

\_\_\_\_\_. *O seminário: livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1964.